

O ARTESANATO DA REGIÃO DO BAIXO SÃO FRANCISCO: SUAS CARACTERÍSTICAS, NÍVEIS DE ORGANIZAÇÃO E GERAÇÃO DE RENDA

Analice Passos Costa Gramacho¹
Natalia Silva Coimbra de Sá²
Regina Celeste de Almeida Souza³

RESUMO

Os resultados da pesquisa sobre o artesanato no Vale Sanfranciscano já haviam apontado para cenários positivos. No trecho do Baixo São Francisco, onde foi realizada a V Expedição pelo grupo GPTURIS/UNIFACS constatou-se que a atividade é tradicionalmente executada, de forma diversificada, com excelente padrão e um nível de organização mais efetivo, contando com políticas públicas específicas, sobretudo no Estado de Alagoas. A crise que afeta a região, em decorrência do longo período de estiagem e baixa vazão do rio, tem impulsionado esse setor da economia regional como alternativa de geração de renda atrelado ao resgate de valores culturais.

Palavras-chave: Rio São Francisco; Artesanato; Geração de Renda.

ABSTRACT

The results of a previous research on the crafts in the Sanfranciscano Valley had already pointed out to positive scenarios. In the area of the Lower San Francisco, where we conducted the 5th Expedition with the GPTURIS/UNIFACS research group, it was found that the handcraft activity is traditionally performed, presented in a diversified way, with excellent standards and in a more effective organization level, counting on specific public policies, especially in the State of Alagoas. The crisis affecting the region, due to the long period of drought and the low flow of the river, has driven this sector of the regional economy to become an alternative for income generation coupled to the valorization of cultural heritage.

Keywords: São Francisco River; Crafts; Income Generation.

JEL: Z32

1 INTRODUÇÃO

No “Projeto Rio São Francisco: cultura, identidade e desenvolvimento”, a atividade do artesanato é um dos temas selecionados para ser estudado em

¹ Gestora Ambiental, Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano – PPDRU/UNIFACS. Membro do Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente – GPTURIS/UNIFACS. <analice_pcn@yahoo.com.br>

² Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. Professora Adjunta no Departamento de Ciências Humanas I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil. <natalia.coimbra@gmail.com>

³ Doutora em Geografia pela Universidade de Rouen, França. Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador (UNIFACS), Brasil. <regina.souza@unifacs.br>

profundidade, uma vez que é considerado um dos principais elementos identitários da cultura popular ribeirinha do vale Sanfranciscano. O artesanato caracteriza-se por ser uma prática cultural pautada em saberes e fazeres que são transmitidos oralmente através de gerações, sendo passada das pessoas mais velhas para as mais novas dentro das comunidades.

O estudo objetivou verificar se a atividade tem se modificado com o passar do tempo; as transformações e permanências no saber-fazer dessa arte; e quais os pontos comuns e os divergentes observados nessa atividade ao longo do Vale, mais precisamente no trecho entre Carinhanha-BA, localizada no Médio São Francisco, até Piaçabuçu-AL, na sua foz.

Em estudo recente e inédito das autoras Souza, Sá e Costa (2018, no prelo), intitulado “O artesanato do Vale Sanfranciscano e seu potencial para o turismo de experiência”, mostrou-se que a atividade do artesanato ao longo do Vale, prima pela qualidade e se encontra em diversos níveis de organização, sendo responsável pela sobrevivência ou pela manutenção de inúmeras famílias. Essa diferenciação de *status* é perceptível e varia de acordo com o grau da organização e/ou capacitação do artesão ou artesã, assim como dos grupos, quando é o caso.

No entanto, a partir de observações e entrevistas realizadas na região do Baixo São Francisco, durante a pesquisa de campo intitulada “V Expedição ao Rio São Francisco/Salvador – Piranhas – Penedo: (re)conhecendo a Foz do São Francisco” pode-se experienciar novas e diversas situações que são relatadas no decorrer desse artigo. A partir de um projeto mais amplo que vem sendo realizado pelo Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente (GPTURIS) da Universidade Salvador (UNIFACS), essa mais recente expedição teve, dentre outros objetivos: o levantamento de informações e o aprofundamento do conhecimento sobre a cultura popular, aspectos identitários e nível de desenvolvimento da população ribeirinha na região.

Como metodologia utilizou-se pesquisa bibliográfica, documental e trabalho de campo com registros fotográficos e aplicação de entrevistas durante a referida V Expedição ao Rio São Francisco, realizada no período de 03 a 09 de setembro de 2017 e que percorreu os municípios de Piranhas (AL), Canindé do São Francisco (SE), Delmiro Gouveia (AL), Propriá (SE), Porto

Real do Colégio (AL), Pão de Açúcar (AL), Penedo (AL), Piaçabuçu (AL), Coruripe (AL), Ilha das Flores (SE), Neópolis (SE), Santana do São Francisco (SE) e Feliz Deserto (SE).

Foram diversos os aspectos da cultura popular identificados no Baixo São Francisco, tais como aqueles ligados à música, à dança, ao folclore, à literatura, sobretudo de cordel, à religiosidade, aos mitos e crenças, à gastronomia, entre outros. Neste artigo, destaca-se a prática do artesanato encontrado nas localidades visitadas e discute-se, considerando a sua diversidade, práticas e elementos característicos, o nível de organização em que se encontra e como tal atividade pode se tornar um fator de renda para a comunidade na qual ela se insere e, por extensão, para todo o Baixo São Francisco.

O artesanato dessa região possui um enorme valor histórico e cultural. Como primeira área povoada por colonos portugueses e demais estrangeiros que ali aportaram, como holandeses e franceses, a região já havia sido habitada em tempos remotos. Esse fato pode ser demonstrado pela datação com o Carbono 14 nos trabalhos de escavação para a implantação da Usina Hidrelétrica de Xingó. Ou seja, a arte de trabalhar o barro, por exemplo, provavelmente remonta a esses primórdios. Os fragmentos de cerâmica da cultura pré-cabralina são bastante numerosos e estão expostos no Museu Arqueológico de Xingó, que foi visitado pela equipe e fica localizado no município de Canindé do São Francisco, em Sergipe.

A diversidade cultural encontrada na região do Baixo São Francisco, materializada na sua produção artesanal, também é representada pelos bordados que vêm como herança dos portugueses, holandeses e franceses, em especial na zona rural de Piranhas e zona urbana de Penedo, localizadas em Alagoas. E, assim como acontece com as diferentes manifestações culturais em tempos de globalização, ainda que o artesanato da região sofra influências externas, os produtos encontrados são ricos, diversificados e constituem-se em uma marca identitária local, das comunidades ribeirinhas.

Constatou-se que a atividade é praticada tanto por homens quanto por mulheres, com predominância destas últimas, o que sugere uma alternativa à nova realidade decorrente da retração econômica que se verifica no Vale

Sanfranciscano. Compreende-se aqui que renda e desenvolvimento podem advir da atividade produtiva do artesanato, quando esta prima pela diversidade, qualidade e valorização de aspectos da cultura local.

Esse artigo foi estruturado em cinco seções: a primeira consiste na introdução, com considerações gerais sobre a temática; a segunda trata das características gerais e do modo de vida da região do Baixo São Francisco; a terceira constitui uma descrição do nível de organização do artesanato na referida área; a quarta traz uma discussão sobre o aproveitamento da atividade para geração de renda local; e, por último, seguem as considerações finais na quinta e última seção.

2 CARACTERÍSTICAS GERAIS E MODO DE VIDA DA REGIÃO DO BAIXO SÃO FRANCISCO

Com uma extensão 2.863 km, a bacia hidrográfica do rio São Francisco corresponde a 8% do território nacional. Nasce na Serra da Canastra em Minas Gerais, e deságua no Oceano Atlântico, na divisa dos estados Alagoas e Sergipe. Percorre os estados de Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, além do Distrito Federal, e passa por 507 municípios. Para fins de planejamento a bacia foi dividida em quatro zonas: Alto, Médio, SubMédio e Baixo São Francisco (CBHSF⁴, 2017).

Os municípios desta região têm áreas relativamente pequenas em torno de 308km² o que demonstra uma maior fragmentação no território, fato não encontrado nos outros trechos da Bacia do São Francisco como, por exemplo, no trecho Médio, onde se encontram municípios com grandes áreas, tais como aqueles do Oeste baiano.

O Baixo São Francisco abrange basicamente dois biomas distintos, sendo estes: a Caatinga, no chamado Sertão Alagoano ou Sergipano e em parte do Sertão Baiano; e a Zona da Mata, estando bastante degradada e quase totalmente urbanizada. A aridez da caatinga é compensada por formações rochosas de grande impacto visual, uma vez que produzem magníficas paisagens rústicas, agressivas e de rara beleza, tais como

⁴ Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco.

cachoeiras, cânions e grotas, que correspondem a diversos atributos naturais, hoje explorados pelo turismo.

A pecuária bovina e a cultura da cana-de-açúcar são traços que remontam à herança do período colonial português e que ainda são perceptíveis nas ruínas de antigos engenhos ou usinas de açúcar, atualmente em desuso. Bem como as manifestações culturais da região, expressas principalmente através do folclore do bumba-meu-boi e do artesanato local.

Identifica-se com essa região também a história do Cangaço, movimento que marca a memória, a cultura e o imaginário do nordestino com início no século XVIII, tendo grande notoriedade na primeira metade do século XX, quando vários sujeitos lideravam bandos, representando poderes paralelos aos oficiais, sendo o cangaceiro mais famoso, o Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. Sobre este e o Cangaço aponta Dultra (2011, p. 3):

Lampião e o movimento do Cangaço são elementos constitutivos do discurso que buscou construir a identidade nordestina, tornando-se, algumas vezes, referenciais populares, suscitando, em manifestações de cultura popular a explicitação de padrões de comportamento e valores incorporados no discurso identitário nordestino como coragem, resistência, teimosia, criatividade.

Com isso, identifica-se a cultura do Cangaço como um forte traço identitário do Sertão, sendo bastante explorado pela incipiente, porém promissora atividade turística regional, que ora se implanta na região.

Nesse sentido, foi elaborado um produto turístico chamado “Rota do Cangaço”, iniciado em 1997, com o intuito de implementar o turismo histórico-cultural através da contextualização do Cangaço, o que permite aos turistas saírem de barco e percorrerem uma trilha na Caatinga, chegando-se ao esconderijo onde foi capturado e morto o bando de Lampião em 28 de julho de 1938 (Pesquisa de campo, 2017). Segundo informações da Agência Angico Tour, em Piranhas-AL, em 2009 a Unidade Turística da Grota de Angico já recebia cerca de 20.000 turistas/ano.

Diversas pousadas, restaurantes e hotéis se inspiram na marca “O Cangaço” para divulgarem os seus serviços, havendo numerosos pratos com nomes regionais ligados a esse movimento.

No que se refere ao aspecto musical, o xaxado é dançado tanto em peças teatrais quanto por vários grupos culturais que se apresentam na região, retratando cenas da época, com a indumentária típica do bando. A literatura de cordel também traz temas relacionados com o cangaço (RINARÉ; VIANA, 2011). No campo do artesanato, destaca-se a influência dessa temática, sendo que os *souvenirs* que representam os cangaceiros são apreciados e consumidos pelos turistas que visitam a região. Essa estratégia de marketing de produtos associados ao Cangaço é observada não apenas no Sertão, mas atinge áreas do litoral e os centros de artesanato localizados em Penedo, Piaçabuçu e na Foz propriamente dita, onde encontra-se diversos tipos de artesanato que remetem a esse fenômeno.

No que se refere a outros aspectos da economia local, a partir das entrevistas realizadas foi recorrente em diferentes localidades e mencionados por pessoas de condições e papéis sociais diferentes, o lamento sobre a diminuição da vazão do rio e a perda das condições de navegabilidade, seja nas formas tradicional ou moderna, bem como a escassez de peixes endêmicos. Essas questões chamaram bastante a atenção dos pesquisadores.

A redução da vazão é atribuída às operações das hidrelétricas instaladas ao longo do rio, de acordo com o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (CBHSF):

Um dos principais conflitos sobre o uso das águas do rio São Francisco, verificado de forma mais contundente no seu baixo curso, refere-se aos impactos das operações dos inúmeros barramentos, sobretudo a partir de Sobradinho, na vida das populações que vivem nos Sub Médio e Baixo São Francisco. Tal questão fica evidenciada pelo volume reduzido e constante, regularizado, de águas que chegam à sua foz, caracterizando o atendimento preponderante para geração de energia (CBHSF, 2013, p. 22).

Em 2013 o CBHSF formou e enviou uma equipe multidisciplinar de pesquisadores para uma expedição ao longo do Baixo São Francisco, que possibilitaria ao Comitê o conhecimento técnico das mudanças socioambientais decorrentes da regularização das vazões no Baixo São Francisco. Como produto da pesquisa, foi publicado o *Relatório Técnico da Campanha de*

Avaliação das Mudanças Socioambientais Decorrentes da Regularização das Vazões no Baixo Rio São Francisco.

A regularização do rio São Francisco, com o fim dos seus ciclos naturais, trouxe mudanças consideráveis na dinâmica e nos aspectos físicos das regiões do Submédio e Baixo. De forma visível, esses trechos da bacia hidrográfica amargam até hoje um passivo de inúmeros, profundos, crescentes e muitos já irreversíveis problemas ambientais, econômicos, culturais, sociais e afetivos provocados pela operação das grandes barragens (CBHSF, 2013, p. 22).

Um dos passivos de que consta a referência é a diminuição da quantidade e extinção de espécies de peixes, em função das barragens. Além disso, outras ações corroboraram para a problemática ambiental. Em entrevista com um gestor local de Piranhas (AL), foi obtida a informação que a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) e a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) introduziram na região o tucunaré, peixe característico da Bacia Amazônica, o que causou desequilíbrio e redução do plantel nativo, a exemplo do surubim. Atualmente, os peixes vendidos nos restaurantes locais não são silvestres, mas trazidos de criatórios de outros Estados.

Na região conhecida como Xingó, entre Piranhas (AL) e Canindé do São Francisco (SE), constatou-se nas entrevistas e observação em campo, que muitos pescadores, com a baixa da vazão do rio e a diminuição dos peixes, migraram para a atividade de barqueiros, o que expressa uma mudança na atividade econômica desta população. Essa percepção também é reforçada pelo CBHSF:

Percebe-se que as consequências trazidas com as diminuições da vazão ao longo dos anos foram se afirmando como problemas frequentes na vida das pessoas desta região, que antes possuíam um ambiente econômico mais favorável pela fartura de espécies de peixes, hoje sofrem com a escassez. Esta mudança promoveu uma grande perda e alteração do ciclo econômico da população local (CBHSF, 2013, p. 155).

A estrutura funcional de um ecossistema, a distribuição territorial de solos, climas e espécies, bem como a dinâmica de seus ciclos naturais condicionam as práticas sociais e os processos produtivos das comunidades (LEFF, 2010, p. 81). Nesse sentido, com a diminuição da pesca e das

condições de navegabilidade, o artesanato tem seu processo produtivo transformado e aparece como indutor de geração de renda para as populações ribeirinhas.

Antes, porém, de concluir a caracterização da área estudada, reforça-se que a mesma corresponde àquela de mais antiga ocupação e que diversificou bastante o mosaico territorial correspondente. Também foi um trecho muito impactante com a construção de usinas hidrelétricas (UHE de Itaparica, Complexo Paulo Afonso com cinco usinas e a UHE de Xingó). Esse contexto transformou o espaço geográfico da região no que Souza e Caldas (2009) já haviam denominado “territórios da CHESF”, tal a influência que a referida empresa exerce sobre a gestão político-administrativa de diversos municípios diretamente influenciados pelas barragens.

Esta sequência de grandes construções voltadas principalmente para a geração de energia elétrica, faz com que haja um monitoramento constante das águas, observando-se o controle da vazão do rio que é ditado pela Agência Nacional de Águas (ANA).

Nos últimos anos, a Bacia do Rio São Francisco tem sido castigada por uma seca histórica que baixou sensivelmente o volume de água, a ponto de a ANA estabelecer como cota mínima a vazão de 550m³, no reservatório da Hidrelétrica de Xingó, Resolução nº 1991, publicada no Diário Oficial da União, em 18 de julho de 2017. Esta foi a vazão mais baixa até então verificada, uma vez que a vazão média do São Francisco é de 2.800m³/s (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2001).

As repercussões sobre a economia regional são enormes com a redução drástica ou eliminação quase total da pesca artesanal, diminuição e muitas vezes a extinção de espécies nativas endêmicas, e o aumento do desemprego, pois os pescadores perderam sua fonte de renda. A população, portanto, busca outras alternativas para a sobrevivência: para suprir a demanda da incipiente atividade turística, os antigos pescadores estão atualmente se capacitando para tornarem-se condutores de visitantes. Muitos estão adaptando as suas embarcações para que estas se tornem seguras para os turistas.

No entanto, no período de seca, há também uma diminuição na oferta desse tipo de prestação de serviços, pois a calha do rio foi afetada e a pouca

profundidade da água no leito prejudica a navegação. As correntes mudam frequentemente de direção, havendo o risco de encalhe em áreas rochosas ou próximas aos bancos de areia, que se deslocam frequentemente. Nessa mais recente expedição, a quinta realizada pelo GPTURIS, a equipe de pesquisadores ficou impossibilitada de atingir a comunidade Quilombola em Pixaim (AL), ao retornar da Foz, uma vez que a embarcação quase ficou encalhada.

3 PRÁTICA E ORGANIZAÇÃO DO ARTESANATO NO BAIXO SÃO FRANCISCO

Conforme Souza, Sá e Costa (2018, no prelo), a produção artesanal é um patrimônio cultural, criado a partir dos saberes e práticas da cultura popular, e que vive em constante diálogo entre aspectos locais e globais, rurais e urbanos, de tradição e modernidade. Ainda de acordo Martins (1976, p. 12):

[...] o artesanato tem um valor antropológico, principalmente quando os objetos usuais no grupo, feitos segundo esse regime de trabalho, se encontram reunidos em mostra específica, porque, então, esta será o espelho de sua comunidade. As peças transmitem mensagens ligadas às raízes culturais, são respostas cristalizadas que representam ou representaram formas rotineiras de vida e podem ser a chave para a obtenção de conhecimentos certos sobre o homem na longa jornada de sua evolução.

Nos municípios visitados, pôde-se perceber uma diversidade de técnicas e materiais utilizados no ofício, que praticamente em todos os lugares foi passado de geração para geração. São trabalhadas matérias-primas como palhas e fibras (taboa, licuri, sisal, entre outros), barro, sementes, penas, ossos, madeira, linhas e tecidos diversos, couro de boi e de peixes e gesso.

Nas feiras livres são vendidos artefatos utilitários feitos em couro, barro e madeira, como cintos, filtros, painéis e colheres de pau, além de *souvenires* feitos de gesso, como cofres e lembranças. Nas feiras de cidades como Penedo (AL) e Propriá (SE) são vendidos artesanatos de couro: bainhas, gibão e chapéus, cangalhas e arreios mostram a variedade da cultura do nordestino (OLIVEIRA, 2015). Tal fato, foi igualmente corroborado pela equipe de pesquisadores durante a V Expedição.

Nas cidades, os centros de artesanato reúnem expositores em barracas que comercializam toda a diversidade da produção local, desde produtos utilitários a objetos decorativos. Esses locais são pontos estratégicos de venda para os turistas, a exemplo do centro de Piranhas, Penedo e Piaçabuçu, em Alagoas (Figura 1).

Figura 1 – Artesanato em couro de boi e de peixe expostos no Centro Artesanal de Piranhas (AL)



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

A característica especial que evoca a singularidade do artesanato do Baixo São Francisco é essa “experiência etnográfica própria”, no dizer de Barros (1977), que apresenta os objetos produzidos pela comunidade como objetos de arte popular.

O Cangaço é representado no artesanato em toda a região da Foz: volantes, bando, sandálias de couro, Lampião e Maria Bonita, chapéus de cangaceiro, facões, chaveiros, cerâmica, camisas, xícaras, cinzeiros, azulejos, porta-copos, imãs, dentre outros itens, estão presentes em lojas, centros de artesanato, barracas, feiras e hotéis; sejam para a venda direta para os turistas, seja de forma decorativa nos estabelecimentos, para reforçar a identidade local, o Cangaço faz parte do imaginário das populações residentes de todo esse trecho do rio.

O artesanato nos locais visitados apresenta-se em diferentes níveis de organização, através do trabalho individual, familiar, em associações e cooperativas.

Em Piranhas (AL), em entrevista com um gestor municipal e empreendedor local, este citou que o município não tem cultura de fazer artesanato. No entanto, constatou-se que em um de seus povoados, chamado Entremontes, há um tipo de bordado denominado “redendê” que é produzido, em sua maioria, pelas esposas dos pescadores. Essas mulheres ensinam o ofício de mãe para filha, transmitindo o saber-fazer às gerações mais novas. Além do “redendê”, borda-se também o ponto de cruz.

Pelas ruas do povoado, as mulheres são vistas em suas casas bordando. Também existe uma associação de bordadeiras, conhecida como Companhia de Bordados de Entremontes (Figura 2), fundada em 2002 e que atualmente é constituída por 59 mulheres, sendo que destas, 21 são jovens com idades entre 16 e 21 anos. As matérias-primas utilizadas pelas artesãs são linho panamá ou cambraia e linhas de bordado do tipo esterlina, obtidas em Aracaju (SE) ou em São Paulo (SP). As ferramentas de trabalho são: agulhas, tesouras, dedais e bastidores. A partir do ponto cruz e do redendê (os dois tipos de bordado confeccionados pelas mulheres locais), são produzidos pelo grupo passadeiras, toalhas de mesa, jogos americanos, panos para drinques e jogos de cozinha. Na associação, ao longo do tempo, novos pontos foram introduzidos e o acabamento melhorado (ARTESOL, 2017).

Figura 2 – Jovem bordadeira expondo peças na Associação (Companhia de Bordados de Entremontes)



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Nota-se igualmente o protagonismo que é dado à artesã ou artesão quando seu nome é inserido nas etiquetas do preço, dessa forma, não apenas produto é valorizado, mas a pessoa que o confeccionou é também nominada e reconhecida.

Em 1999, a ONG Artesanato Solidário (ARTESOL), iniciou um trabalho de capacitação e orientação em Entremontes; em 2000 o SEBRAE ofereceu cursos de empreendedorismo às bordadeiras, possibilitando em 2002 a fundação da Associação, que desde então, tem recebido apoio de outras instituições como Ministério da Integração Nacional, Caixa Econômica Federal, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Piranhas (AL), Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e o Instituto Xingó.

Recentemente, conforme apontam Souza, Sá e Costa (2018, no prelo):

A Companhia de Bordados de Entremontes, faz parte, desde 2014 do projeto Olhar do Sertão da estilista Martha Medeiros em parceria com a Fundação Oftalmológica Dr. Rubem Cunha. Martha Medeiros é uma alagoana que se tornou sinônimo de luxo no mercado da moda internacional, ao colocar em novo patamar as rendas brasileiras, segundo a estilista num diálogo e troca constantes de conhecimento entre ela e as rendeiras.

Observa-se que, no que se refere à produção em Entremontes, as artesãs trabalham individualmente em suas casas ou são associadas à Companhia de Bordados Entremontes. Na companhia, o processo tem etapas de produção divididas em engomadeiras e bordadeiras. Essa divisão

proporciona um melhor especialização e diferenciação dos materiais produzidos, aproximando-os dos objetivos do mercado atual de decoração e moda, ainda que estejam pautados por técnicas e elementos tradicionais.

A aquisição de insumos é feita de maneira racional, obedecendo à consultoria das organizações parceiras. Nota-se também a evolução na exposição das peças que, além de serem oferecidas nas dependências da associação e no centro de artesanato de Piranhas, estão presentes também em loja de *shopping centers*, a exemplo da Loja Brasil Original, instalada no Parque Shopping da capital Maceió, e também figuram em sites da internet, com *links* vinculados aos principais sites de busca nacionais e internacionais. No site da ONG ARTESOL, por exemplo, pode-se conhecer todos os tipos e modelos que são produzidos, destacando-se, sua diversidade e contemporaneidade.

Em relação à venda, os passeios operados pelas agências turísticas de Piranhas (AL) e Canindé do São Francisco (SE) oferecem paradas no povoado de Entremontes e muitos visitantes presenciam a confecção do bordado em todas as suas etapas, com a opção de adquirir as peças. Além disso, como já dito, nas cidades as peças estão expostas em feiras e centros de artesanatos. Como forma de pagamento, tanto nos locais de produção quanto de exposição, há possibilidade de utilização de cartão de crédito e são as artesãs mais jovens que se ocupam dessa operação e utilização da tecnologia.

No que se refere à inovação, através de parcerias com instituições de fomento, empresários do setor de moda e consultorias, o bordado de Entremontes tem demonstrado um salto de qualidade, elevando o material produzido da categoria utilitária para a categoria de arte, moda e decoração, aumentando seu valor de mercado e se estabelecendo como possibilidade real de geração de renda.

Já em Porto Real do Colégio (AL), foi realizada uma visita à Área Indígena Kariri-Xocó, que está situada nessa localidade desde 1978 e conta atualmente com 3.200 (três mil e duzentos) moradores (informação de campo). Segundo relatos da comunidade, a principal fonte produtiva artesanal era a cerâmica, com a qual faziam potes e panelas. Atualmente, uma parte significativa dessa população indígena trabalha na cidade. No entanto, homens

e mulheres da comunidade ainda confeccionam um delicado artesanato, que corresponde a peças feitas de penas, sementes, madeiras, palhas e pequenas pedras, a exemplo de colares, apitos, brincos, pulseiras, arco e flecha e cocar (Figura 3).

Figura 3 – Artesanato indígena na tribo Kariri-Xocó (colares, brincos, apitos)



Fonte: Pesquisa de campo (2017).

A matéria-prima é colhida na mata e durante os encontros com outras tribos, em viagens, o material é trocado entre indígenas de outras regiões, a exemplo das penas. Algumas das que foram vistas pelos pesquisadores eram originárias de um zoológico que as guardava e doava para comunidades indígenas de outro Estado. A exposição das peças é feita durante festejos e encontros de temática indígena e rural. Na tribo é exposta pelos artesãos em suas casas, na escola ou na rua, quando algum visitante chega. No “Dia do Índio” os moradores saem para vender artesanato e fazer apresentações em escolas. As peças custam entre R\$ 5,00 e R\$ 15,00, sendo o cocar a peça de maior valor, comercializada por R\$ 50,00. Não existe outra forma de pagamento além do dinheiro.

Por estarem imersos em uma forte relação cultural em que os costumes ancestrais figuram como principal atrativo turístico, bem como em uma relação estreita com entidades governamentais, que monitoram, organizam e dão suporte às formas de comércio e vida social, o artesanato indígena não apresenta nível de organização diferente do que se podia constatar há dez ou

quinze anos. Nesse caso, observa-se que, apesar da diminuição da produção de material utilitário em favor da produção de adornos femininos de venda em maior escala, a maioria das pessoas ainda só pode adquirir as peças quando em visita ao local de estabelecimento da tribo.

“Pão d’Assucar não oferece nada de notável senão a sua paisagem pittoresca que a montanha cônica que lhe dá o nome aformoseia, e o perfil azulado da serra dos Mérús, duas leguas ao longe torna quasi encantador” (SAMPAIO, 1905, p. 14). Além da bela paisagem descrita por Teodoro Sampaio, Pão de Açúcar (AL) também oferece de notável o talento dos artesãos e bordadeiras do povoado de Ilha do Ferro, que tem seus trabalhos conhecidos nacionalmente e mundialmente.

O povoado, que dista 18km da sede de Pão de Açúcar (AL), com acesso por estrada carroçável tem como principal característica a cultura do artesanato. São produzidos o bordado endêmico conhecido por “boa noite”, trabalho único no Brasil, e as esculturas em madeiras, iniciadas pelo artesão Fernando Rodrigues dos Santos, condecorado como Patrimônio Vivo de Alagoas.

Dona Selma, uma bordadeira da ilha, aprendeu o ofício aos oito anos e desde então trabalha com o bordado. Durante onze anos fez parte de uma cooperativa local, mas atualmente, por problemas de saúde, trabalha em casa. Ela explicou que o nome “boa noite” foi designado em homenagem a uma delicada flor, bastante comum na região.

Muitas bordadeiras trabalham sozinhas ou em duplas, geralmente nas portas das casas, e produzem muito por meio de demandas feitas por encomendas. Os preços variam de acordo com o tecido e o tamanho da peça: um pano de prato custa R\$ 25,00 e um guardanapo de linho, R\$ 50,00. Há visitação constante de turistas, o que faz com que as bordadeiras nas portas de suas casas os chamem para vender suas peças.

Quanto à técnica do bordado “boa noite”, segundo a ARTESOL (2017), esta consiste em desfiar o tecido e recomp -lo em faixas com motivos florais. Geométrico e seguindo a trama dos tecidos, apresenta-se em quatro composições: Boa Noite Simples, Boa Noite de Flor, Boa Noite Cheio, além de uma variante do Boa Noite Cheio. Para bordar, precisa-se de bastidor, tecido,

linha, agulha e tesoura. Em Ilha do Ferro existe uma cooperativa de artesãs chamada ART-ILHA, que, segundo a ONG ARTESOL (2017), atualmente conta com 22 associadas (Figura 4). Antes, desvalorizado e quase esquecido, esse bordado foi revitalizado, aperfeiçoado e atualizado no tocante a tamanhos e funções, incorporando novas influências contemporâneas.

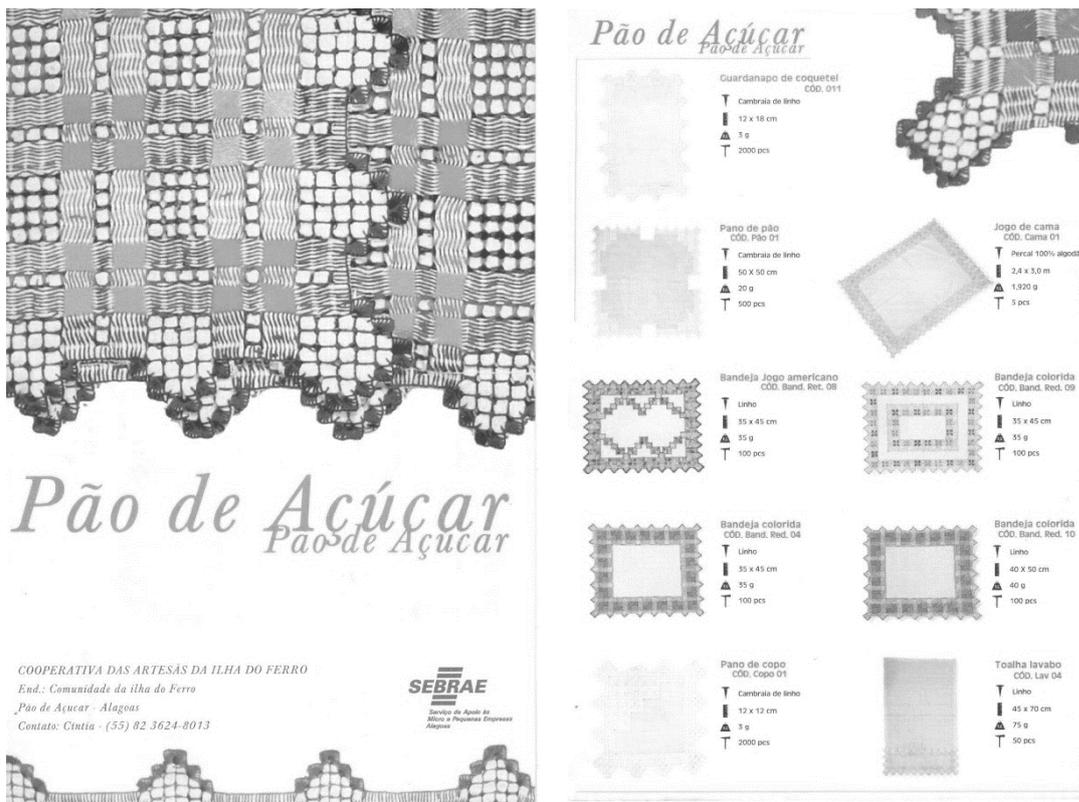
Figura 4 – Artesãs confeccionam o bordado “boa noite” na Cooperativa ART-ILHA, em Ilha do Ferro



Fonte: Pesquisa de campo (2017).

Na cooperativa há possibilidade de pagamento com cartão de crédito e débito. A organização recebe consultoria do SEBRAE e há uma profissionalização do ofício. As peças são organizadas em catálogos com referências, códigos e informações que demonstram que a produção se encontra inserida num contexto de mercado, conforme observa-se na Figura 5.

Figura 5 - Frente e verso de catálogo de produtos da Cooperativa ART-ILHA



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

O artesanato com madeira é produzido principalmente por homens, que fazem cadeiras artesanais, móveis e esculturas com madeira típica da caatinga das margens do São Francisco. A atividade é tão relevante para o povoado e para o município que, em 2016, o atual governador do Estado de Alagoas visitou a ilha para verificar a construção de um museu e posteriormente, em 15 de junho de 2017, retornou ao local para inaugurar o *Espaço de Memória Artesão Fernando Rodrigues dos Santos*, que congrega a produção artística da comunidade.

A Prefeitura de Pão de Açúcar cedeu o prédio para a instalação do Museu, que recebeu investimentos de R\$ 20.000,00 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), com contrapartida de R\$ 15.000,00 da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), por meio do Núcleo de Pesquisa em Literatura e Artes Visuais (NUPLAV) (CARVALHO, 2017).

Com o objetivo de formular ações que promovam o artesanato de forma a contribuir para a geração de renda e melhoria da qualidade de vida do artesão (ALVES, 2017), tanto para bordadeiras quanto para escultores, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Alagoas fixou nas

fachadas das casas-ateliês da Ilha do Ferro, durante a 4ª edição do programa “Governo presente”, placas da campanha “Alagoas feita à mão” (Figura 6), sinalizando o local e transformando cada casa em uma loja (TAVARES, 2016).

Figura 6 – Placa do Programa “Alagoas feita à mão” sinaliza casas-ateliês em Pão de Açúcar



Fonte: Albuquerque (2016)

A arte produzida na Ilha do Ferro tem sido destaque em várias publicações nacionais e internacionais. Recentemente, a revista Casa Vogue fez um editorial de oito páginas sobre o artesanato da região, projetando o potencial turístico do lugar (TAVARES, 2016).

Em Penedo (AL), já próximo à Foz do São Francisco, a atividade artesanal é bem diversificada, existem ateliês, lojas e associações. As peças são expostas em um centro de artesanato e na feira livre. Grande parte do que é exposto em Penedo vem da cidade vizinha Santana do São Francisco (SE), um polo de artesanato feito em barro.

Destaca-se o artesão conhecido como Tadeu dos Bonecos, que confecciona peças em papel machê, bonecos de pessoas em tamanho real, como os bonecos de Olinda. Ele recebe encomendas e possui um ateliê no centro da cidade. Seus bonecos fazem parte das folias e carnavais da região e de outros Estados.

Bastante conhecido na cidade é o artesão Santeiro conhecido como Tim Maia, que trabalha com madeira, esculpindo peças de arte sacra em umburana e transmitindo seu trabalho a vários jovens aprendizes. Segundo Souza, Sá e

Costa (2018, no prelo), em pesquisa de campo, o mesmo informou que a cada ano diminuía o número de aprendizes. As autoras também complementam:

Seus preços costumam ser sempre superiores a R\$ 250,00. Sua esposa o ajudava a finalizar as peças, lixando-as cuidadosamente, também era a pessoa encarregada de comercializar os produtos. Tim Maia compartilha o local de trabalho com outro artesão, conhecido por Castanho, que produz, em gesso, bustos de pessoas importantes, como políticos, artistas etc. e que destaca-se como um trabalho de excelente qualidade.

No Centro de Artesanato há um *box* que expõe um trabalho feito à base de gesso. São peças delicadas, réplicas de casarões e prédios antigos de Penedo, como o Teatro e a Prefeitura. Contudo, durante a expedição não foi possível identificar o artista responsável por essas obras.

Quanto ao associativismo, na cidade está organizada a Associação Contos e Pontos de Penedo. Sobre esta entidade, Souza, Sá e Costa (2018, no prelo) afirmam:

A Associação Contos e Pontos de Penedo (AL), que confecciona peças variadas com um bordado bem peculiar de “ponto cheio” e design bem autêntico da região. Inicialmente chamava-se Associação de Inclusão Social Bordadeiras de Penedo, tendo nascido da organização e formalização de um grupo de mães, adolescentes e crianças que participavam das atividades desenvolvidas pela Casa da Amizade da cidade. A produção de peças artesanais que contam histórias e lendas da região, principalmente das comunidades ribeirinhas do Velho Chico. O trabalho desenvolvido pela Associação vem costurando sonhos e uma vontade imensa de mudar e de buscar novas perspectivas para as mulheres envolvidas no projeto. [...] passou por mudanças, desde as peças, que se tornaram mais modernas e atuais, até a sua marca. Em 2011, passou a ser chamada Contos e Pontos, fazendo uma alusão às histórias e lendas retratadas em cada ponto costurado em suas peças artesanais, valorizando cada vez mais a cultura local. Atualmente, as bordadeiras recebem encomendas de diferentes pontos do Brasil, e suas peças continuam agradando uma vasta e diversificada clientela (Dados obtidos com a Associação em visita de campo, 2017).

Em Santana do São Francisco-SE, pequeno município do Estado de Sergipe, onde aproximadamente 80% da economia local é baseada no artesanato de barro (segundo depoimento de moradores locais). Quase toda

casa é também um atelier onde trabalham o artesão principal e vários membros da família como seus auxiliares. Destaca-se o artesão conhecido como “Pezão”, marca que ele imprime em suas peças. Também o autodidata José Roberto Freitas, que a partir de fotografias, confecciona todo tipo de escultura: vasos, figuras de animais e na arte sacra dedica-se aos presépios de Natal com a Sagrada família e os Reis Magos

Em Piaçabuçu (AL), no porto de onde saem os barcos que fazem o passeio para a Foz do Rio São Francisco existe um centro de artesanato chamado de Terminal Turístico, que consiste numa casa-galpão com banheiros, bebedouro e bancas com diversas peças de artesanato, além de produtos locais, como óleo de coco, mel e alguns doces. Em anos anteriores os próprios artesão expunham suas peças mas, durante a recente expedição, os vendedores presentes eram parentes ou amigos dos artesãos. Além do artesanato local, encontram-se também camisetas estampadas, chaveiros e bolsas com estampas que fazem referência à região. Embora não se constituam em uma produção artesanal, esses produtos estão ali expostos para serem comercializados como lembranças para os turistas.

Na Área de Proteção Ambiental (APA) da Marituba, localizada entre os municípios de Penedo, Feliz Deserto e Piaçabuçu, todos em Alagoas, encontra-se um grupo que trabalha com a palha do coco licuri. São confeccionadas peças de qualidade e beleza por parte dos membros da Associação dos Trançados de Marituba, como bolsas, caixinhas de joias, porta pão, bandejas etc.

Da mesma forma, em Coruripe (AL), o artesanato de palha de licuri ou ouricuri, como também é conhecido, é bastante influente. Somente as mulheres fazem esse tipo de artesanato e dependem da sazonalidade para produzirem as peças. Há vários tipos de trançado e as pessoas fazem de suas casas um ponto de venda. Na residência visitada durante a V Expedição (Figura 7), os pesquisadores constataram que a artesã aceitava o pagamento em cartão e utilizava a máquina da mercearia vizinha, e posteriormente permutava com o dono do estabelecimento o valor recebido por produtos e alimentos.

Figura 7 – Residência de artesã na cidade de Coruripe (AL)



Fonte: Pesquisa de campo (2017).

Próximo a Coruripe está localizado o município de Feliz Deserto (AL), onde se destaca o trabalho artesanal feito com palhas da fibra da taboa, uma planta aquática também conhecida como junco. Além de objetos de decoração como tapetes, são feitos produtos utilitários como cestas, luminárias, chapéus e bolsas, além de móveis, como sofás.

Figura 8 – Sede da Associação em Feliz Deserto (AL): no chão, a fibra da taboa passa pelo processo de secagem



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Nessa localidade a produção é bastante organizada por meio da Associação dos Artesãos de Feliz Deserto, que contou com o apoio de instituições diversas para sua criação e funcionamento, a exemplo da Usina Coruripe, Fundação Banco do Brasil, SEBRAE, Prefeitura Municipal e Instituto para o Desenvolvimento Social e Ecológico (IDESE).

Destaca-se nessa organização, a forma como as tarefas estão divididas dentro de cada processo produtivo. As artesãs, em sua maioria mulheres, realizam as etapas produtivas do corte, separação, secagem, ripagem e raspagem, trançado, costura e produto final (Figura 9).

Figura 9 – Etapas produtivas do artesanato com fibra de taboa em Feliz Deserto (AL)



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Segundo a ONG ARTESOL (2016) “para produzir uma bolsa grande são necessários três dias, mas as artesãs até conseguem fazer em menos tempo porque organizaram um processo de produção estruturado”. No dizer de Souza Barros (1977, p. 183), “a produção artesanal deve ser encorajada tanto quanto ela corresponda a índices culturais etnográficos, e mesmo etnocêntricos, representativos e representáveis”.

A produção é exposta na sede e em centros de artesanatos locais, sendo também divulgada na internet, e faz parte da rede de articulação ARTESOL.

4 O ARTESANATO COMO POTENCIAL FATOR DE GERAÇÃO DE RENDA

De acordo Souza, Sá e Costa (2018, no prelo), a proteção, estímulo e valorização do artesanato é essencial para a manutenção da diversidade e da riqueza cultural de uma localidade e sua população, especialmente em espaço rural e de populações ribeirinhas tradicionais. No Baixo São Francisco essa

proteção, estímulo e valorização são bastante perceptíveis, e até parecem mais avançadas que em outras regiões do Vale Sanfranciscano.

Alguns municípios compreendem a necessidade de intervir fomentando ações ligadas ao artesanato como gerador de renda, a exemplo de Delmiro Gouveia (AL). Por meio de sua Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, e através do Departamento Municipal de Juventude, desde 2017, vem realizando exposições de peças produzidas por mulheres alunas do curso de bordados, ofertado pelo município em parceria com o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) (PREFEITURA DE DELMIRO GOUVEIA, 2017).

No mesmo sentido, a Prefeitura de Piranhas (AL) tem investido na atividade artesanal no povoado de Entremontes. Segundo um gestor entrevistado nesse município, “quando a pesca não é suficiente para a manutenção das necessidades familiares, a renda do artesanato no povoado de Entremontes, cumpre a função de complemento”. A conformação do meio incide na constituição e evolução das culturas e nos desenvolvimentos técnicos, assim como na caracterização de uma formação econômico-social, de suas formas de subsistência, autodeterminação e desenvolvimento (LEFF, 2010, p. 81)

Mais que um complemento, o artesanato é um produto diferenciado, rico em saberes e história, e que se apresenta com potencialidade para adentrar-se e estabelecer-se no mercado da produção cultural, buscando um destaque como atividade econômica na região. O Baixo São Francisco alcançou esse patamar de concorrência, ainda timidamente, mas que vem avançando.

O trabalho manual dá ao artesanato um cunho de criação isolada sem apresentar o estereótipo, o seriado. Embora o artesão repita, às vezes, a imagem o risco, ou o traço, há todavia, uma atitude nova em cada peça nova resultante até mesmo de um estado de espírito, de condições de trabalho, de uso de instrumento ou de material beneficiado por um tratamento de ocasião, etc. O sentido de arte decorrendo mais de sensibilidade e de gosto coloca a produção folclórica em condição de paridade com qualquer expressão pura de arte. (BARROS, 1977, p. 185)

Observa-se que na maioria das localidades o artesanato tem evoluído para peças utilitárias, além de decorativas, o que amplia a possibilidade de venda do produto, especialmente nas localidades onde estão organizadas associações e cooperativas. Outra possibilidade é a sua entrada no mercado da arte, por ser um produto singular:

Na ilha do Ferro, o trabalho das mulheres tem um significado especial. Além de trazer ao público uma das mais belas técnicas de bordado do nosso país, essa produção é, hoje, elemento de agregação e valorização de toda a comunidade, pois já constitui uma alternativa de renda, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das artesãs e de suas famílias a partir da expressão de sua mais bela tradição – bordar o que só é bordado por lá (ARTESOL, 2017)

Não é raro o interesse de agentes externos na divulgação, exposição e comercialização, no exterior, do material produzido, a exemplo da revista Vogue e da estilista Martha Medeiros.

Por mais que se possa estranhar o papel que tem assumido o artesanato, sua atual posição é de entretenedor de certos aspectos de arte, servindo particularmente a determinadas camadas sofisticadas ou desejosas de fugirem às marcas comuns e sempre à procura do singular e do inédito. (BARROS, 1977, p. 200)

A exposição e venda dos produtos atrai também outros setores da economia. Na Ilha do Ferro, por exemplo, foi criada a Rota do Sol, um passeio de catamarã com saída diária de Pão de Açúcar para levar os turistas que se interessam visitar a ilha de forma mais confortável e rápida.

A Ilha do Ferro é conhecida nacional e internacionalmente por seus artesãos. Então, vamos pegar esse gancho e montar o passeio. As pessoas chegam à Ilha do Ferro, conhecem o museu, fazem compras e movimentam a economia local", explicou Washington Rodrigues, criador da rota. (CARVALHO, 2017).

A rede estabelecida por Organizações Não-Governamentais (ONGs), SEBRAE, Prefeituras, bancos, empresas e entes públicos é visivelmente articulada e demonstra estar em ritmo de expansão e aprimoramento. Isso é percebido no nível de organização das associações e cooperativas instaladas,

na qualidade do produto final, nas relações comerciais e de aquisição de insumos, bem como nas etapas definidas do processo de produção. O nível de organização alcança inclusive os artesãos que não estão inseridos na dinâmica articulada da referida rede. Observou-se durante a pesquisa de campo o testemunho dos artesãos independentes: “quem está na cooperativa tem renda”, explicando que quem trabalha na cooperativa tem mais oportunidade de vender seu produto, de capacitação e facilidade de formas de pagamento.

Mas essa vantagem é suprida também pelo Programa “Alagoas feita à mão”, desenvolvido pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Turismo (Sedetur), que promove publicação de editais; participação em feiras e eventos nacionais; divulgação do catálogo; mapeamento e identificação das oficinas; emissão e renovação da carteira do profissional (ALVES, 2017).

De acordo com Rômulo Almeida, o artesanato se apresenta como fator de desenvolvimento, na medida que gera renda e produção com investimento de pouco capital, dessa forma “por uma pequena capacidade de investir pode-se desenvolver atividades econômicas que utilizem pouco capital e muita mão de obra, sem prejuízo de projetos que requerem intensidade maior de capital” (PEREIRA, 1957, p. 172). É necessário, portanto, um olhar externo a essas comunidades, por isso, ressalta-se neste trabalho a importância da assistência prestada pelo Estado de Alagoas na organização, dinamização e valorização da atividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Renda e desenvolvimento podem ser gerados a partir da atividade do artesanato, que prima pela diversidade, qualidade e valorização de aspectos da cultura local. O artesanato como saber-fazer transmitido oralmente através de gerações, no Baixo São Francisco, aparece como possibilidade pela capacidade de geração de renda. Essa atividade, em muitas comunidades permanece sendo feita por pessoas mais velhas, não refletindo uma ocupação e alternativa de renda para os mais jovens. Estes se ocupam basicamente da divulgação e comercialização e as peças através da internet. Contudo, uma análise da sua potencialidade para o mercado da produção cultural e do turismo na contemporaneidade, indica que esta pode ser uma atividade

econômica que incorpore as novas gerações. Dessa forma, gerando não apenas renda e emprego, mas uma valorização das identidades regionais e locais frente a um mundo cada vez mais globalizado, mesmo com todas as suas contradições.

Falar da importância do artesanato para as populações ribeirinhas do Baixo São Francisco é falar de um movimento cultural que emerge inicialmente de práticas tradicionais utilitárias para, através da beleza e singularidade dos saberes e fazeres populares, figurar no âmbito da arte, da moda e da decoração.

O artesanato nos locais visitados apresenta-se em diferentes níveis de organização, sendo produzido por meio do trabalho familiar, de associações e de cooperativas, e criando uma rede diversificada e dinâmica de trocas comerciais que apresenta crescente expansão e aprimoramento. Esse contexto não é possível sem a organização da comunidade e o suporte técnico e financeiro de órgãos externos; e o nível de organização observado em que se encontra a atividade deve-se ao máximo aproveitamento das oportunidades de capacitação e fomento.

Pela aproximação com o mercado de arte e decoração, e pelo alcance territorial crescente da valorização dos seus produtos em nível nacional e internacional, através dos novos meios de comunicação e transporte, tal atividade pode ser, certamente, um fator de renda significativo para as comunidades nas quais esse nível de organização já está consolidado, possibilitando, por extensão, a sua inserção e expansão para todo o Baixo São Francisco.

REFERÊNCIAS

ARTESANATO SOLIDÁRIO (ARTESOL). **Companhia de Bordados de Entremontes**. Disponível em: <<http://artcsol.org.br/membros/entremontes>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

ARTESANATO SOLIDÁRIO (ARTESOL). **Associação dos Artesãos de Feliz Deserto**. Disponível em: <<http://artcsol.org.br/membros/felizdeserto>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

ALVES, Andressa. “Alagoas feita à mão profissionaliza artesanato alagoano e soma 13 mil cadastrados”. In: **Agência Alagoas**, Governo do Estado de Alagoas. Disponível em: <<http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/15279-alagoas-feita-a-mao-profissionaliza-artesanato-alagoano-e-soma-13-mil-cadastrados>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

ATLAS BRASIL. **Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil 2013**. Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2013.aspx?indiceAccordion=1&li=li_Atlas2013>. Acesso em: 30 set. 2017.

BARROS, Souza. **Arte, folclore, subdesenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.

CARVALHO, Severino. “Governador Renan Filho inaugura museu na Ilha do Ferro”. In: **Agência Alagoas**, Governo do Estado de Alagoas. Disponível em: <<http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/16938-governador-renan-filho-inaugura-museu-na-ilha-do-ferro>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

CBHSF, Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco. **A Bacia**. Disponível em: <http://cbhsaofrancisco.org.br/planoderecursos_hidricos/a-bacia>. Acesso em: 28 out. 2017.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades@**. Pão de Açúcar Alagoas-AL. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=270640>>. Acesso em: 28 out. 2017.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Saul. **Arte e Artesanato Folclóricos**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1976.

OLIVEIRA, Silvio. **Propriá (SE)**: Feira tradicional no Baixo São Francisco Cheiros, gostos e cores do interior sergipano. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/blogs/silviooliveira/ler.asp?id=180271>>. Acesso em: 03 dez. 2015.

PEREIRA, Carlos José da Costa. **Artesanato e arte popular**. Salvador: Progresso, 1957.

PREFEITURA DELMIRO GOUVEIA (AL). Secretaria de Desenvolvimento e Ação Social. **Alunas do curso de bordados expõem peças produzidas durante o curso**. Disponível em: <<https://www.delmirogouveia.al.gov.br/single-post/2017/10/23/Alunas-do-curso-de-bordados-exp%C3%B5em-pe%C3%A7as-produzidas-durante-o-curso>>. Acesso em: 25 out. 2017.

NASCIMENTO, Melchior Carlos do; RIBEIRO JÚNIOR, Carlos Eduardo; AGUIAR NETTO, Antenor de Oliveira. **Relatório técnico da campanha de avaliação das mudanças socioambientais decorrentes da regularização das vazões no baixo Rio São Francisco**. Maceió, AL, 2013. 175p.

RINARÉ, Rouxinol do; VIANA, António Klevisson. **História completa de Lampião e Maria Bonita**. 9. ed. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2011.

SAMPAIO, Teodoro. **O Rio São Francisco**: trechos de um diário de viagem e a Chapada Diamantina. Escolas Profissionais Salesianas, 1905. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1998 (fac-símile da primeira edição).

SOUZA, Regina Celeste de A.; SÁ, Natalia S. C. de; COSTA, Gisele das C. O artesanato do Vale Sanfranciscano e seu potencial para o turismo de experiência. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**. UFAL: Penedo, Alagoas. (2018, no prelo)

TAVARES, Cecília; ALBUQUERQUE, Itawi. **Em Pão de Açúcar, o povoado Ilha do Ferro reúne o maior número de artistas por metro quadrado em todo o Estado**. Disponível em:

<<http://www.alagoasboreal.com.br/editoria/2998/cultura/em-pao-de-acucar-o-povoado-ilha-do-ferro-reune-o-maior-numero-de-artistas-por-metro-quadrado-em-todo-o-estado>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

TAVARES, Cecília. “Coleção Alagoas Feita à Mão apresenta criação de artesãos do Estado”. In: **Agência Alagoas**, Governo do Estado de Alagoas. Disponível em: <<http://agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/5554-colecao-alagoas-feita-a-mao-apresenta-criacao-de-artesaos-do-estado>>. Acesso em: 27 jun. 2016.